O significado da filiação da Igreja Presbiteriana Independente ao Conselho Mundial de Igrejas

(2007)

Odair Pedroso Mateus
Vice-Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas (2020-2022)
Professor no Instituto Ecumênico de Bossey (2004-2021)
Diretor da Comissão de Fé e Ordem do CMI (2015-2022)
Secretário Executivo do Departamento de Teologia e Ecumenismo da Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas (2000-2007)

Introdução

Na tarde do dia 5 de setembro de 2006, sob os aplausos de representantes de algumas das mais antigas e tradicionais igrejas cristãs, o Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) recebeu os pedidos de filiação da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e da Igreja Evangélica do Laos, na Ásia. A IPI dá agora o passo mais importante para fazer parte de uma família de 350 igrejas protestantes, ortodoxas, anglicanas e pentecostais que reúnem cerca de 560 milhões de cristãos em mais de 100 países.

Quais são as raízes bíblicas, confessionais e missionárias da nossa decisão de fazer parte dessa grande família cristã? Que tarefas essa decisão coloca sobre nossos ombros?

I. A fé trinitária é "ecumênica"

A primeira raíz é a fé recebida da Igreja dos apóstolos. O Deus em quem cremos é um Deus de comunhão (1 João 4:16). Deus é a comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo (2 Cor. 13:13). Foi para a comunhão com Deus que fomos criados e foi para a comunhão com Deus que fomos redimidos na cruz e na ressurreição de Cristo (Efésios 1:4-5). Foi para a comunhão com Deus que, depois de Pentecostes (Atos 2), fomos enviados no poder do Espírito para proclamar a boa-nova da reconciliação (2 Cor. 5:18-20). A igreja é chamada a ser espelho da *pericorese*, isto é da comunhão intra-trinitária, serva do ministério divino da reconciliação em Cristo pelo Espírito.

Mas o que acontece hoje com o nosso testemunho da reconciliação? É muito triste constatar que as igrejas que anunciam que Deus é comunhão não vivem visivelmente entre elas essa comunhão para que o mundo creia. Ao contrário, elas não apenas dão testemunho divididas do Deus que é comunhão, mas também, com muita frequência, se separam umas das outras por razões que pouco têm a ver com a verdade do Evangelho.

Calvino já sentia esse problema em 1552. Em carta ao Arcebispo Thomas Cranmer de Cantuária, líder da Igreja Anglicana, ele escreveu: "Uma coisa também deve ser mencionada entre os principais males do nosso tempo, a saber, que as igrejas estão tão divididas que a comunhão humana agora quase não goza de qualquer reputação (…), estando divididos os membros da Igreja, o corpo fica sangrando".

A busca da reconciliação, da comunhão e da cooperação entre as igrejas cristãs é um imperativo bíblico (João 17:20-21; Atos 2:42-47; I Cor. 11-13; Efésios 4:1-6). Essa busca é um ato de obediência ao ministério de reconciliação que Deus nos confiou. É por isso que queremos de agora de em diante, como Igreja Presbiteriana Independente, viver numa fraternidade de igrejas espalhadas por todo o mundo. Com qualquer igreja? Não. Com as igrejas que, segundo a base de fé do

Conselho Mundial de Igrejas, “confessam o Senhor Jesus como Deus e Salvador segundo as Escrituras” e que procuram juntas “cumprir sua vocação comum para a glória de Deus – Pai, Filho e Espírito Santo”.

II. O protestantismo é, por definição, ecumênico

A segunda raíz de nossa decisão de fazer parte dessa grande família de igrejas é o fato de sermos protestantes. O objetivo de Lutero e de Calvino, insisto nisto, não era dividir a Igreja e criar incontáveis denominações evangélicas, mas reformar a Igreja à luz da mensagem evangélica segunda a qual Deus graciosamente nos justifica por meio da fé em Jesus Cristo, sem as obras da lei (Rm 3: 20, 21-24). A verdadeira igreja prega essa mensagem e, com base nela, administra os sacramentos do batismo e da ceia do Senhor segundo as Escrituras (Confissão de Augsburgo 7; Confissão Helvética Posterior XVII; Confissão de Westminster, XXV:4).

A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil é chamada a nutrir-se dessa mensagem. Mas ela não é a proprietária dessa mensagem nem tem o monopólio dessa mensagem. Ela é apenas uma serva dessa mensagem. Diferentemente da Igreja Católica (que não é membro do CMI), nós não afirmamos que a plenitude da Igreja de Jesus Cristo subsiste somente em nossa denominação. É Por isso que, com modéstia e boa doutrina protestante da Igreja, a nossa Constituição começa com as seguintes palavras: “A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil é um ramo do Cristianismo…”

A nossa Constituição fala em seu primeiro artigo de “um ramo”. Um ramo? Então há outros ramos e uma só árvore, santa, apostólica e universal. Chamados a dar testemunho do Deus que pelo Espírito se reconcilia conosco em Cristo, queremos fazer isso na comunhão dos demais ramos que crêem em Cristo como Deus e Salvador e anunciam o evangelho da justificação pela graça somente por meio da fé em Jesus Cristo, segundo as Escrituras. O Corpo sangrando por suas divisões preocupava Calvino. Isso me preocupa tanto, diz ele na

mesma carta ao Arcebispo Cranmer, “que, seu eu pudesse prestar algum serviço, não hesitaria em atravessar até dez mares se isso fosse necessário” para curar tais divisões.

É precisamente por isso que fazemos parte não apenas da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas ou da Aliança de Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina, mas também do Conselho Latino-Americano de Igrejas e, agora, do Conselho Mundial de Igrejas.

III. A missão cristã pressupõe a unidade cristã

A terceira raiz de nossa decisão de fazer parte dessa grande família de igrejas é missionária. Jesus orou ao Pai para que seus seguidores e seguidoras sejam um, busquem comunhão e permaneçam em comunhão. Mas por que? O evangelho responde com clareza: “para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17:21). Isso quer dizer que existe uma relação entre o que nós pregamos como cristãos e e a maneira como vivemos entre nós como cristãos. Se pregamos conversão e perdão de pecados para a comunhão, como podemos continuar sendo intolerantes e mesmo hostis uns com os outros?

Num mundo dividido entre poucos que têm muito e muitos que têm pouco, num mundo em que os conflitos entre povos e nações são cada vez mais resolvidos pela via militar, num mundo em que a violência marca o cotidiano das grandes cidades como as nossas e atinge em primeiro lugar crianças, mulheres e idosos, a busca da reconciliação e da cooperação entre as igrejas cristãs é, uma vez mais, um ato de obediência ao Príncipe da Paz, que nos chama ao arrependimento e à conversão porque o Reino da paz está vindo (Mc 1:15).

Num mundo assim, escolher e promover o diálogo entre as igrejas são decisões que contribuem para uma cultura da paz; são decisões que tornam mais visível a promessa da vinda do Reino de shalom, quando o Príncipe da Paz será tudo em todos (Efésios 1:10). É por isso que queremos ser uma igreja que resista a toda tentação de racismo denominacional, uma igreja comprometida com

o diálogo sobre a verdade do evangelho e, por isso mesmo, com a comunhão entre as igrejas.

IV. Orar e Trabalhar pela unidade

Agora que começamos a ser recebidos nessa grande família de igrejas, creio que temos duas tarefas muito importantes e muito urgentes. A primeira dela é o ministério da intercessão. Somos chamados a dobrar nossos joelhos e a orar pelas demais igrejas e pelos países onde elas vivem e testemunham.

A segunda tarefa é a de trabalhar pela reconciliação e a estima mútua entre as igrejas da família presbiteriana e reformada no Brasil. Às vésperas de comemorarmos os 500 anos do nascimento de Calvino e 150 anos da chegada do presbiterianismo no Brasil, o tempo é oportuno para permitirmos ao Espírito que nos ajude a derrubar os muros da separação, a romper o isolamento em que vivemos hoje como igrejas presbiterianas no Brasil, a nos encontrarmos e, em obediência humilde, receber dons espirituais uns dos outros.

V. Presbiterianos tradicionais

Concluo com dois esclarecimentos que ainda são atuais.

Primeiro: Uma igreja não precisa – melhor: não deve! - abandonar sua identidade confessional para fazer parte do Conselho Mundial de Igrejas. É como igreja da *sola scriptura*, e que "adota o sistema doutrinário da Confissão de fé de Westminster" (Constituição, art. 2), que damos esse passo. É porque sabemos quem somos que podemos dialogar com as demais igrejas sobre o que nos separa e sobre nossa missão evangelizadora no mundo de hoje.

Segundo: a filiação ao Conselho Mundial de Igrejas não significa que abandonamos a famosa posição de equidistância em relação ao liberalismo e ao fundamentalismo teológicos. Uma porção significativa e,

insisto neste ponto, cada vez mais importante dos membros do CMI é formada hoje por algumas das mais antigas e tradicionais igrejas cristãs, cuja doutrina, culto e vida nada têm a ver com "fundamentalismo" e, menos ainda, com "liberalismo".

Por isso mesmo, é cada vez mais anacrônico associar o Conselho Mundial de Igrejas ao chamado "liberalismo". Em vez de pensar em "liberais contra fundamentalistas", estamos pensando em beber mais do nosso poço, em aprender mais de nossas antigas tradições e, ao mesmo tempo - fiéis ao espírito reformado - em nos deixar renovar pela Palavra de Deus para anunciar,especialmente aos excluídos que hoje no Brasil morrem antes do tempo – que Deus em Cristo se reconcilia com o mundo e promete um Reino de vida em plenitude.

Conclusão: Cremos em uma só Igreja

A Igreja de Jesus Cristo é una e o imperativo ecumênico consiste em tornar visível, em meio a igrejas divididas, o dom divino da unidade. A igreja que se pensa à luz do ensino neotestamentário, do mistério trinitário, do princípio protestante e do chamado divino à missão e ao evangelismo no dividido mundo de hoje sente necessidade de viver com as demais igrejas em respeito mútuo, pertença mútua, admoestação mútua, responsabilidade mútua, cuidado mútuo. Essa humildade ecumênica impede a igreja de enveredar pela arrogância e idolatria próprias ao fundamentalismo que inspira a violência. Daí a importância da filiação da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil Conselho Mundial de Igrejas.